

Os holandeses e a numismática brasileira

Antônio Tomaz ^a

Resumo: Durante o século XVII, a Companhia das Índias Ocidentais holandesa realizou duas tentativas de implantação de uma colônia no Nordeste do Brasil, inicialmente na Bahia e depois em Pernambuco. O período holandês trouxe ao Brasil Colônia uma série de contribuições culturais e materiais, inclusive moedas próprias. O presente artigo analisa a circulação desse dinheiro de origem holandesa no Nordeste brasileiro.

Palavras-chave: Invasões holandesas, numismática, economia, História Colonial.

As invasões holandesas ocorridas no Brasil são suficientemente conhecidas por todos os nacionais, de alguma leitura. “Matéria de destaque em todas as escolas primárias, secundárias e terciárias do Brasil e alhures”, como diria Fradique Mendes.

A Holanda, já bastante liberal ainda no século XVII, montou a Companhia das Índias Ocidentais e a Companhia das Índias Orientais, uma espécie de “terceirização colonial”. O foco deles eram os extremos: ocidental e oriental! A companhia do oriente teve mais

sucesso, ficaram por lá até o final da Segunda Guerra Mundial. Não fosse “uma pressãozinha”, teriam ficado ainda mais tempo! Tudo virou Indonésia e outros, menos votados.

A Ocidental, com várias incursões pela América, em 1630, aporta em Pernambuco e arredores fazendo o seu reduto até serem colocados definitivamente para fora em 1654. Quando da expulsão, os do “alto comando” regressaram à Holanda, os “intermediários” para Nova Iorque, então Nova Amsterdã, e a “raia miúda” ficou

a Secretário da Sociedade Numismática Paranaense.



ali por Curaçao, Aruba, Bonaire e outras ilhas caribenhas, as quais são mantidas até hoje como possessões e/ou áreas de influência. Estes, ao partirem daqui, levaram consigo o idioma português, ajudando a formar o *Papiamentu* (ou *Papiamentu*, língua crioula, a principal falada naquelas regiões; é derivada do português e línguas africanas, com influências indígenas da América mais inglês, neerlandês e espanhol). Dialeto difícil de falar, mas fácil de entender. Bom para os negócios... deles!

A estada desses bávaros no Nordeste brasileiro se revestia de caráter eminentemente colonizador. Não eram aventureiros exploradores, vieram para ficar. A ideia era montar um pequeno país para eles, ou uma colônia, como se queira entender. Tinham vasta estrutura e construíram muita coisa. Trouxeram especialistas de várias áreas, deles e também de outros países europeus. Até um astrônomo fazia parte do grupo mais acadêmico. Era um alemão, de nome Margraff. Um possível descendente ou parente, pois ostenta o mesmo so-

brename, é hoje um dos grandes estudiosos da numária brasileira, com livros publicados e artigos periódicos em boletins especializados. Trata-se do coronel Ildemar Margraff, radicado em Ponta Grossa-PR.

Muitas obras e realizações foram deixadas em Pernambuco por aqueles colonizadores dos Países Baixos. Tanto assim, que Portugal teve de pagar a conta! Pelo Tratado de Paz de Haia, assinado em 6 de agosto de 1661, nossa pátria-mãe se comprometeu a pagar uma indenização de 8 milhões de florins, equivalentes a 63 toneladas de ouro. Isso em “suaves prestações”, que duraram 40 anos. Como se vê, os créditos e os endividamentos não são algo tão novo como se supõe!

Embora “meio que sem querer”, motivados por circunstâncias, os holandeses acabaram por serem os primeiros a emitir moedas e cédulas por aqui, com o nome “Brasil” estampado. Antes e mesmo durante a invasão, por aqui circulavam moedas portuguesas e espanholas. Muito praticado tam-



bém era o escambo. A primeira casa de moeda brasileira só viria a surgir em 1694, em Salvador/BA, com as primeiras emissões ocorrendo em 1695.

No que tange ao papel-moeda, era muito raro no mundo, naqueles tempos. F. dos Santos Trigueiros cita, em sua obra “Dinheiro no Brasil” (Editora Reper, Rio de Janeiro, 1966, p.58):

“No século XVII, os holandeses, instalados militarmente em parte do território brasileiro, estavam sujeitos aos ataques das tropas empenhadas em expulsá-los. Confinados na área ocupada, sem rápida assistência da Metrópole, sofreram várias crises monetárias. Para solucioná-las, emitiram ‘ORDENS DE PAGAMENTO’ que, circulando como moeda, permitiram saldar os compromissos urgentes, sobretudo os da tropa, nem sempre disposta a esperar. Essas ordens eram resgatadas quando chegavam as remessas de moeda da Holanda.”

Em 1640, a ameaça de ataque por parte da Espanha provocou o desaparecimento da “moeda de

giro”, escondidas por seus possuidores. Assim, foram emitidas as “ORDENANÇAS”, de curso legal e forçado dentro dos territórios ocupados. A emissão exagerada desses bilhetes acarretou a alta da moeda metálica e, também, dos gêneros alimentícios, afetando o custo de vida. Na prática – a inflação, que no caso também não é algo novo. Essas “ORDENANÇAS” foram a primeira manifestação de papel-moeda no Brasil. Pena que delas não se conheça nenhum exemplar, apenas registros. Não constam em catálogos brasileiros exatamente por falta de fotos, ao contrário do que as moedas metálicas. Dessas, há exemplares em museus e em coleções particulares. São raras e muitas falsificações apareceram, no decorrer do período. São conhecidas como “MOEDAS OBSIDIONAIS” (de emergência, de assédio, de ocupação, de cerco), emitidas em dois períodos distintos.

Após a Batalha das Tabocas, que os holandeses perderam, a situação ficou periclitante. Tropa sem pagamento não é fácil de ad-



ministrar! Foram salvos por uma situação inusitada: um navio holandês, que transportava ouro da África para a Holanda, aportou no Recife. À revelia das autoridades da Metrópole, o Alto Cônsul “lançou mão” de um caixote de 250 quilos do metal precioso. Estava salva a honra da pátria! Em setembro de 1645, pouco mais de 82 quilos foram convertidos em moedas. Em agosto de 1646, pouco mais de 81 quilos, também o foram. O restante foi vendido, com o ouro à razão de 37 florins a onça. Não puderam ser convertidos em moedas por falta de cadinho (vaso de material resistente, usado para fundir metais).

Tudo era feito de maneira muito artesanal, até mesmo “meio que no improvisado”. Não havia uma estrutura montada especialmente para fundição e cunhagem de moedas. O ouro foi laminado, cortado à tesoura em peças quadradas irregulares. A gravação, feita a martelo, na forma losangular.

Os seus valores eram: III florins, pesando 1,80 g.; VI florins, com peso de 3,70 g; e XII florins,

de 7,60 g. Todas elas emitidas nos anos de 1645 e 1646. Embora tendo-se a informação da quantidade do ouro utilizado e do pesos das moedas, faltam registros das quantidades expedidas para cada valor. Estima-se que não mais de 32 mil peças tenham sido cunhadas. Essas moedas estampavam, no anverso: o valor (III, VI e XII) e a sigla G W C (*Geocroyerde Westindische Compagnie* - Cia Privilegiada das Índias Ocidentais), em letras entrelaçadas. No reverso: ANNO – BRASIL – 1645 ou 1646.

Essas moedas são extremamente raras, face uma série de razões: o tempo decorrido, a baixa quantidade de cunhagem e o fato de que quase a sua totalidade fora levada para a Holanda quando do retorno e lá refundida para outros fins. As que haviam ficado nas mãos de brasileiros, em sua grande maioria foram derretidas, pois era crime possuir moedas dos invasores. Pouquíssimas foram as que se salvaram.

Em 1654, justamente no ano da expulsão definitiva, as coisas ficaram ainda mais difíceis para os



da Casa de Orange. Obrigaram-se a fazer uma segunda emissão. Dessa vez, em prata, a moeda de XII soldos, que era uni face. Constava nela apenas o valor, a sigla da companhia e o ano, 1654. O nome Brasil não foi gravado. Essa prata fora obtida graças à doação de uma baixela, oferecida pelo general Walter van Shoenenborch e o Alto Conselheiro Hendrick Haecx. Essas moedas em prata são ainda mais raras do que as de ouro. Emitidas “bem na hora de ir embora e de uma baixela”, não se poderia esperar muita coisa, quanto à apresentação! Especula-se, e alguns catálogos mencionam, a emissão também dos valores de X, XX, XXX e XXXX soldos, igualmente em 1654. Eram valores decimais, as outras eram todas duodecimais. Essas possíveis emissões são muito controversas.

Alguns numismatas e estudiosos de renome consideram-nas como falsificações, feitas *a posteriori*. Dentre eles, Kurt Prober, um dos maiores expoentes da numária brasileira, autor de várias obras. Cita, em seus trabalhos, que “As

cunhadas regularmente foram bastante falsificadas”. Como se isso não bastasse, os falsários foram além. Criaram emissões inexistentes, como de 1647, e valores nunca utilizados (X, XX, XXX e XXXX), os quais aquele autor chama de *pseudo-subers* (soldos). Comun-gamos inteiramente com ele. Por quê, em um mesmo ano, dois sistemas? Um decimal e outro duodecimal? E, fazendo cálculos sumários, “não era muita moeda para pouca baixela”? Além do mais, os cunhos são diferentes.

Os holandeses fizeram a parte deles. Inovando, improvisando e administrando. Alguns, depois, mal intencionados, fizeram outra, tentando levar vantagem!

Ainda sobre o tema, falsificações, em 1967 surge a famosa história da “Botija do Recife”. Na verdade a “famosa botija” teria sido encontrada em Rio Formoso, por ocasião da construção de uma obra rodoviária. Nela aparecem as figuras do motorista, do tratorista, tudo com nome descrito, detalhes da descoberta, forma da partilha, etc. O fato é que, em 1973, essas



moedas do precioso achado estavam sendo vendidas no Rio de Janeiro. Em sendo um pouco diferentes das já conhecidas, a explicação era de que os holandeses haviam feito uma “segunda cunhagem” e as enterrado antes de irem embora! Esse “tal achado” levou mais de 300 anos para acontecer! Segundo alguns, a quantidade “encontrada” nem caberia na tal botija. O fato é que muita gente entrou nessa história e nessa conversa...

Prober diz claramente: “Das obsidionais, há falsificações, das falsificações, das falsificações”. Ou seja, cópias das cópias, das cópias...

Essa tal “botija” deu o que falar e ainda está dando. Até “documentos do enterramento” já encontraram. Curioso, mas bem real, para que algo se torne importante e comercialmente atrativo nesse ramo, é imprescindível que em volta dele haja uma história. Sem ela, “a coisa não flui!”

Além dessa, a mais famosa, lembramo-nos de outras. Em Curitiba, em uma obra urbana no Alto São Francisco, foi encontrado um

potinho. Algo aí em torno de umas 30 moedas. Dessas, do achado, foram vendidas mais de 300! No Rio, foram “achadas” moedas de datas raras e em estado flor de cunho. Estavam guardadas em um cofre que não era aberto desde 1835 (?). No Ceará, foi “encontrada” uma bolsa de couro com muitas moedas de boa qualidade. Tinham até o vestígio da terra nela impregnadas. Tal achado só aconteceu em virtude de uma caçada de tatu! Buraco para o tatu, cheio de moedas.

Em Alagoas, recentemente, em uma obra, foram achados vários patações. Um numismata e comerciante bem conhecido foi chamado a avaliá-las. Muito “vivo”, conhecedor das histórias e de como as coisas se desenrolam nesse ramo, levou parte de seu acervo de peças idênticas. As encontradas chegaram a ser vendidas a R\$ 500,00. As suas, ele as vendia a R\$ 70,00, preço de mercado e que praticava em sua loja. A expedição, contudo, acabou rendendo-lhe altos negócios!



É assim, convenhamos, que as coisas são. Com uma boa história e a mídia “dando força”, tudo flui positivamente no universo de compra e venda de antiguidades, moedas inclusas! Existe muita gente que nem é do ramo, não conhece nada do assunto mas, mesmo assim, se aventura em participar dele. Como sempre escrevia Prober, em suas obras “Enganar neófitos e bisonhos não é tarefa difícil”.

Finalizando, temos a acrescentar que os holandeses não têm nada a ver com isso! Eles só fizeram a parte deles, o que lhes cabia na situação. Nós é que fizemos o restante.